

A FIDELIDADE

Eliabe Oliveira Alves¹

A virtude é o poder específico que o ser humano tem de afirmar sua excelência própria, isto é, sua humanidade.

André Comte inicia seu tratado sobre a fidelidade falando da memória, afirmando que não há virtude sem fidelidade, a fidelidade é a virtude de memória. Ele diz: “O passado não é mais”, “o futuro ainda não é”. E cita como exemplo a primavera, que apesar de se repetir todos os anos, sempre nos surpreende, mas isso acontece devido ao fato de nos esquecermos dela.

Ele afirma que toda a invenção verdadeira, toda a criação verdadeira supõe a memória. Toda a dignidade humana está no pensamento, e todo o pensamento está na memória.

Nós sabemos que tudo tem um início e um fim, por isso vivemos em uma inconstância, estamos sempre com medo, angustiados, porque não sabemos quando vai chegar nossa hora e dentro desse contexto, o esquecimento é regra.

Mas segundo André, o que acontece conosco não é que nós nos esqueçamos dos fatos... “apenas nos esqueçamos de lembrar deles”, e acabamos perdendo esses fatos no passado. E a única maneira de nós não perdermos esses fatos, seria pensarmos neles, ou seja, colocá-los na memória. E segundo o autor, é dessa vontade de lembrar dos fatos que nasce a fidelidade.

Em seguida, o autor explica o valor da Fidelidade. Nós não podemos ser fiéis a qualquer coisa, isso seria fanatismo. O que determina o valor da fidelidade é o objeto a que ela se direciona. Ele compara a fidelidade aos amigos e às roupas, pois não se trocar de amigos como se troca de camisa, e nem se pode ter fidelidade a uma roupa.

O autor nos lembra que os soldados da SS fizeram atrocidades na segunda guerra por serem fiéis a Hitler, esse era um tipo de fidelidade criminoso. A fidelidade ao mal é uma má fidelidade, assim como a fidelidade a tolice é uma tolice.

O que torna a fidelidade valorosa é o valor a que se é fiel. Por exemplo, o ressentimento não é uma virtude, mas quem está ressentido é fiel ao seu ódio. E não é esse tipo de virtude que procuramos, nós queremos a fidelidade virtuosa.

Outro exemplo: Se a gente vive um dia após o outro, se hoje já não somos o que fomos, por que a gente tem que manter alguma promessa feita ontem? Por que nós temos que manter nossa palavra? Agimos assim porque

¹ Aluno da Faculdade de Filosofia São Bento – São Paulo – Brasil.

somos fiéis a nós mesmos, somos seres morais, e juramos fidelidade a nós mesmos.

O que faz com que ainda sejamos o mesmo de ontem é o nosso passado. E para nós termos moral, é necessário sermos fiéis a nós mesmos e ao nosso passado. É aí que está a fidelidade. Sem ela não há deveres, a fidelidade nos traz deveres.

Fidelidade é a virtude da memória, e sem memória o que resulta é a infidelidade. A infidelidade é o deixar de pensar. É o fingir que nada aconteceu, é tentar esquecer o que se viveu.

Hoje, o nosso modo de vida inconstante e amedrontado torna o esquecimento quase irresistível, porque quando a gente esquece, a gente foge das nossas responsabilidades. Existe até um ditado popular muito famoso entre os alcólatras: “Se eu não lembro, eu não fiz”. Mas como somos seres morais e fiéis a nós mesmos, nossa alma sempre se inclina para a memória.

O autor faz uma analogia muito interessante. Ele afirma que o passado não se defende sozinho, como o fazem o presente e o futuro, que não podem ser negados. A única arma que o passado tem para se defender é a memória... e como o passado é o fator de continuidade de nossa existência, sem ele, seríamos simplesmente uma sucessão de instantes, devemos ter gratidão e piedade por ele, temos a obrigação de sermos fiéis a ele.

O que o autor ressalta da fidelidade como virtude, é que nós devemos ser fiéis ao que tem valor, e cita como exemplos fidelidade ao ódio, que não seria fidelidade, e sim rancor, mas a fidelidade ao pensamento seria uma virtude, pois seria uma luta para não perder esses pensamentos.

Isso quer dizer que não há fidelidade sem pensamentos. Para pensar, não basta lembrar, temos que querer lembrar. E essa vontade de querer lembrar o que se viveu se chama fidelidade. Fidelidade não é simplesmente lembrar, e sim querer lembrar. Para nós sermos fiéis às nossas ideias, nós temos que querer conservá-las vivas, querer lembrar que ainda temos essas ideias..

André toma a verdade como o maior valor para a fidelidade. “*A verdade antes de mais nada*” ele diz. E é nesse ponto que a fidelidade, segundo o autor, se diferencia da fé e do fanatismo. Para o autor, ser fiel não é se recusar a mudar o pensamento, nem submeter suas ideias a outra coisa que não a ela mesma (fé), nem considerar as ideias como absolutas (fanatismo). A fidelidade é se recusar a mudar de ideias sem boas e fortes razões.

A autor cita Kant, que afirma que a fidelidade é um dever, entre os amigos ou o cômjuge, mas esse dever deve estar submetido à moral.

O autor também cita Spinoza, que afirma que a fidelidade ao amor recebido, à confiança, à lei, aos pais, ao dever, ao respeito ao próximo, tudo isso depende do mais alto grau de educação, tudo isso é apenas moral. Mas para o autor, a moral não é tudo, o amor e a verdade importam mais.

A fidelidade está no princípio de toda a moral ela é o contrário da queda dos valores. Eu gostaria de aproveitar essa afirmação para deixar uma questão no ar: Seria errado afirmar que estamos em franca decadência moral porque somos totalmente infiéis aos outros e a nós mesmos?

André expõe uma teoria do que seria a fidelidade na vida conjugal... Seria utilizar unicamente e mutuamente o corpo do outro? Seria a exclusividade? Seria deixar de ser fiel a si mesmo para ser fiel à outra pessoa? Na opinião do autor, como ele afirmou antes, a verdade antes de mais nada! Sendo assim, o casal deve descobrir o que os torna um casal, e serem felizes à própria maneira.

Não fazer sofrer é uma coisa, não trair é outra, e é o que se chama de fidelidade: Não trair. Por isso os casais procuram a fidelidade, pois o que mantém o casamento vivo é o prolongamento da paixão através da memória e da vontade. O que ele quer dizer com isso? Que um casal deve sempre querer lembrar o motivo pelo qual os dois se uniram. Devem sempre se lembrar do que estavam sentindo um pelo outro no momento em que resolveram ficar juntos. Esse pensamento deve estar guardado na memória dos dois, e sempre buscado pelo casal.

Se por algum motivo houve a separação, o casal deve continuar a ser fiel, ou seja, evitar o sofrimento do outro. Isso seria fidelidade ao que viveram no passado, ao que sentiram e ao que construíram.

Mas juntos ou separados, a fidelidade é essencial ao casal, pois é mais provável que o amor acabe e não que ele vá durar para sempre, é bobagem ficar sofrendo por isso. O casal só será um casal por fidelidade ao amor recebido, mesmo no passado, e à lembrança voluntária e reconhecida desse amor.

Fidelidade é o amor conservado ao que aconteceu, ao amor, ao presente e ao passado. Fidelidade é o amor fiel, e antes de tudo, fiel ao amor.

André finaliza seu tratado com questões polêmicas: “Como posso jurar amor eterno”? “Como posso jurar que não amarei outra pessoa”? “E se o amor acabar, porque devo manter as exigências do amor”?

Ele responde dizendo que mesmo que isso aconteça, não é motivo para renegarmos o que vivemos e o que sentimos.

Por que, para amar o presente, deveríamos trair o passado? É mais simples “não jurar o amor eterno”, mas devemos prometer fidelidade ao amor que vivemos, não esquecendo-se dele jamais.

Para o autor, o amor infiel, é aquele amor que foi esquecido, e termina com uma frase bem ilustrativa sobre seu pensamento: “Ama-me enquanto desejares, meu amor, mas não nos esqueça”.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CONTE-SPONVILLE, André. Pequeno Tratado das Grandes Virtudes. SP: Martins Fontes, 1995.